A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 32 | Domingo 6 de agosto | 1893

CONDE DE S. JANUARIO

Convidado para bosquejar na *Semana de Lisboa* a vida e meritos do illustre personagem, cujo medalhão é hoje dado á estampa n'este hebdomadario, hesitámos em acceder ao honroso convite. Não nos parecia d'equidade que a nossa humilde assignatura firmasse escriptos ao par de nomes laureados, taes como os que nos precederam em outras biographias; accommettia-nos o receio de virmos a ser taxado de louvaminheiro, quando é certo que podemos laborar em erro de criterio, mas somos por completo avêsso a incensar quem quer que seja.

No pendor do desfallecimento, a que anda atreito o nosso animo, e mercê da tristeza de vêr, dia a dia, desfeitos os nossos levantados ideaes, estávamos decididos a pedir escusa da incumbencia.

Uma reacção subita, porém, se operou em nós ao pensarmos em que se não podia, se não devia, perder qualquer ensejo de, publicamente e bem alto, prestar culto á inteireza de caracter e ao merito, affastar desdenhosamente insinuações, que mais conspurcam quem n'as faz do que aquelles que são alvo da sua peçonha.

Entregue a esta corrente de idéas, occorreu-nos o pensamento ironico, que François Coppé escreveu algures «*a consciencia, como as luvas da Suecia, usa-se tambem suja*» e francamente, sentimos pruidos de mostrar que o guante póde descalçar-se sem desdouro, da mesma sorte que o intimo tribunal deve sempre de andar desencardido.

Antes de travar da penna, lavámos bem as mãos, para depois as mettermos na consciencia.

Não dispômos para esse fim de sabonetes aromaticos, mas — que importa? — temos aqui perto sabão que, apezar de não ser perfumado, lava a roupa branca, que nos cobre mais de perto o coração.

Hoje, e ainda mal, procuram muitos assanéfar-se, cobrir de mentirosos ouropeis a chateza do seu valor mesquinho. E o que resulta d'aqui? É que brilham d'um luzimento ephémero, qual flôr, cortada á haste que lhe fornece a seiva, vicejam dias em jarra opulenta, para depois se deixarem estiolar, murchar, apodrecer! E o peior não é que se percam as actividades d'alguns, os seus esforços sãos em beneficio da communidade, o mais damnoso é que os miasmas da corrupção attingem o ambiente que todos respiramos, espalham a desconfiança, o desnorteamento e a enervação, roubam a um povo masculo a fé, confiscam-lhe a esperança, atropellam a justiça!

Não póde ser, urge que mais do que o verdete das lentijoulas e guizos, a envenenar-nos, mais do que o pó das colgaduras, por escovar, a suffocar-nos, se extreme o trigo do joio, se erga ovante o culto da justiça para os que bem merecem da patria. Façâmos propaganda do sentir do immortal Camões:

> Caminho da virtude, alto e fragoso,
> Mas, no fim, doce, alegre e deleitaso.

Da mesma sorte que o desditoso e indigente procura na embriaguez o esquecimento dos seus infortunios, muitos de nós buscamos nos prazeres e nas ostentações o olvido da nossa miseria moral. É preciso

que paremos na senda; o declive é aspero e, de certa altura por deante, torna-se inevitavel o abysmo.

Vamos, deixêmos que as mães, ao menos, essas que teem que guiar os primeiros passos dos filhinhos, descortinem o verdadeiro trilho do homem de bem, atravez da amaiada floresta de prosapias e postiços. Satisfaçamos, muito embora, as nossas vaidades, que a vida humana compõe-se de contrastes, mas, por Deus, não levantemos poeirada de mais, que nos arriscâmos a ir asphyxiar a justa e sã labuta em pró da querida patria, que de todos é amparo, protecção, innegavel crédora d'esforço e affectos.

D'envolta com os talcos e avellorios da nova religião ostentosa, emergem, accentuemol-o bem, nobres intenções e puras consciencias e a melhor maneira de fornecer-lhes alentos é apontar, levantando-os no conceito publico, os que merecem testemunhos d'apreço.

Empolgado pelo interesse da these geral, que por vezes nos assoberba a intelligencia e os sentidos, fômos muito longe; os leitores que nos desculpem, vamos já restringir-nos á materia d'este artigo.

*
* *

O Conde de S. Januario é certamente uma das individualidades proeminentes da nossa sociedade e da nossa politica. Caracter respeitavel, dotado de primorosa educação, grangeiou sempre as sympathias dos que d'elle se abeiraram e com elle conviveram. Tolerante por excellencia em opiniões politicas, cordato e energico como funccionario, soube de longa data merecer a deferencia dos adversarios e a confiança dos seus.

Se juntarmos a estas qualidades, não vulgares, um grande amor pelo paiz e pelas coisas publicas, não menor conhecimento do mundo e dos homens, teremos os tons geraes da sua personalidade.

O Conde de S. Januario, Januario Corrêa d'Almeida, destaca-se bastante, pela distincção das suas maneiras, proceder e serviços, da grande maioria dos homens que hoje se acham na téla dos negocios publicos.

Desde verdes annos se dedicou o nosso biographado com afinco ao estudo e serviço do paiz, não recuando ante as agruras dos climas ultramarinos e arrostando com as escabrosidades de cargos arduos em circumstancias difficeis.

É força confessar que no infézado meio moral, em que infelizmente vivêmos, poucos são os que se apresentam como candidatos ás mais elevadas dignidades com tamanha bagagem de serviços e pratica de negocios.

Nós somos d'aquelles que não gostamos de vêr entrar ninguem pela janella; talvez laboremos em erro, mas estamos convencidos de que a nação devia requerer nos altos funccionarios mais experiencia e tacto do que brilhantismo de talento e avidez d'ambições.

A vida do nosso biographado tem sido afanosa e prestante. Sem embargo, podem objectar-nos com a affirmativa de Jules Simon «*todos nós somos como as pedras preciosas, dependemos muito da montagem*. Bem o sabemos, mas não é menos certo que ao Conde de S. Januario, se lhe foi dado colher rosas, tambem se lhe depararam no caminho bastantes espinhos e é exactamente o seu empenho constante em se apoderar de fructos tentadores atravez das urzes da vida que nos dá o direito de classifical-o como um esforçado soldado do progresso e da civilisação.

A alguns temos ouvido affirmar que o nosso biographado deve a sua reputação a rodeár-se sempre de homens talentosos e de bôa vontade. E o que tem isso? Para nós significa mais um raro dom, que o engrandece; o valor não consiste só no nosso proprio merecimento, está tambem em se saberem aproveitar as aptidões dos que nos cercam.

Longe de o qualificarmos de senão, reputamos uma virtude tal procedimento; só os vaidosos por excellencia se dedignam de pôr em pratica tal processo.

Dissémos que a vida do Conde de S. Januario tem sido afanosa e prestante e não nos parece difficil proval-o.

De 1846 em deante, encontramol-o sempre na liça, procurando illustrar o seu nome e o do paiz. Moço alferes, lá está em Torres Vedras; estudante, depara-se-nos premiado em Coimbra.

Surge-nos director das obras publicas em Cabo Verde, onde, mais tarde, o vêmos governador interino; novamente em serviços d'obras publicas, apparece-nos em Braga. Surde-nos depois governador civil da Madeira; mais logo, devisamol-o tambem governador civil da capital do Minho. Agora dirige administrativamente o districto do Porto, depois de em Villa Real ter desempenhado o cargo de commissario regio n'uma questão eleitoral. É eleito deputado pela cidade invicta, para, a breve trecho, voltar a governal-a civilmente, etc., etc.

E, afim de tomar folego n'esta longa ennumeração, permittam-nos um parenthesis.

Póde notar-se que os serviços administrativos afastassem por muito tempo o Conde de S. Januario da carreira militar, a que se devia, e, porventura, a sua mais dilecta.

É verdade e é para lastimar, mas ha a attender ás circumstancias, á epocha, que requeriam faculdades especiaes em certas auctoridades. O nosso biographado possue em alto grau uma sensata tolerancia para com os actos politicos da opposição, quando não pertur-

bem a ordem publica ou a dignidade do mando, isto de concerto com uma severa e repressiva attitude para com os especuladores e arruaceiros.

*
* *

Vae crescido em demasia este escripto para que possâmos continuar a cotejar os seus serviços com os cargos exercidos; é, pois, mistér que lancemos mão d'um dos factos salientes da sua longa vida publica para darmos aos leitores a medida da sua envergadura como funccionario, dos seus dotes de homem de acção.

Pondo de parte todos os seus actos na India, no Japão, em Sião e nas republicas do sul da America, vamos occupar-nos da coragem, energia e previdencia do Conde de S. Januario em face d'um grande cataclismo, durante o qual a sua qualidade de governador lhe impunha altissimas responsabilidades.

Escolhemos a sua attitude em presença do tremendo tufão, que affligiu Macau em 1874, arrasando grande parte da cidade.

Damos a preferencia a estes factos por serem realmente de molde a firmar a reputação d'um homem de governo e tambem por serem aquelles que melhor conhecemos, visto tel-os ouvido relatar com enthusiasmo a testemunhas authenticas.

Em 23 de setembro de 1874 um violentissimo cyclone, d'esses que, por fortuna, só de raro em raro assolam as costas da China, se desencadeiou e teve o seu centro em Macau.

De Manilla tinham vindo os avizos a tempo, a capitania do porto e a fortaleza do Monte haviam, com os convencionaes tiros de peça, aconselhado os habitantes da Cidade do Santo Nome de Deus a precaver-se contra as furias do vento, os impetos do mar e todos os demais flagellos inherentes aos tufões.

O céo, porém, estava limpido, a atmosphera tranquilla, nada de extraordinario fazia antevêr o temporal. Levados pelas apparencias, entenderam os milhares de chins dos barcos fundeados em redor de Macau e, com elles, os seus irmãos de terra, dever rir-se das previsões terroristas dos *fan-quai* (diabos do occidente) e responderam com um *um-pá* (não ha novidade) trocista ao appello. Macaistas e europeus seguiram quasi todos na esteira das presumpções dos indigenas; na maioria descuraram pôr-se em attitude defensiva.

De subito, porém, encinzeirou-se o firmamento, começou de chover irregular e inviesadamente e as rajadas de vento, intermittentes e desenfreadas, fizeram sentir-se, mais e mais fortes. Chegou então o panico, mas já não era tempo de evitar desgraças, calamidades, salvar vidas.

As embarcações batiam desordenadamente d'encontro aos caes, faziam-se em cavacos, garravam, mettiam-se a pique umas ás outras; os gritos humanos confundiam-se com o bramir do mar, que, furioso, barrento, espumante, invadia a terra, entrava pelas moradas, trepava pelas paredes!

Em terra, as arvores estorciam-se, quebravam-se, eram arremessadas a grandes distancias; as telhas voavam e topavam, aqui e acolá, com candieiros arrancados e despedidos com furia pelo vento que, saltando bruscamente de leste a norte, se havia firmado no noroeste!!

As janellas das casas estalavam, rangiam e vacillavam, aqui e além, acabando muitas por cahir para fóra, dando assim logar a que telhados inteiros se desagregassem, ou a que as luzes pegassem fogo ás habitações!!

Simplesmente horroroso!! Parecia um tripudio da natureza, especie de dansa macabra, a que os mortos quizessem associar os seus descendentes na terra, assolando contra elles os elementos!!

Esta tremenda catastrophe produziu calamidades de toda a ordem: naufragios, incendios, mortes por esta e aquella fórma, derrocadas — que sabemos nós? — até favoreceu a rapina!!

Os dois navios de guerra surtos em Macau ambos partiram as amarrações e garraram; um, a *Camões* foi, rio acima, encalhar perto, mas o outro, a *Principe D. Carlos*, desarvorou, andou muitas legoas desgovernada por entre ilhas e foi internar-se n'uma varzea, d'onde nunca mais poude ser tirada.

Tão longe ficou que a sua guarnição, tendo saltado para os escaléres, só conseguiu alcançar Macau no dia seguinte ás 10 horas da noite.

No dia 24 de setembro, anniversario da morte do Imperador D. Pedro IV, puzeram-se as bandeiras a meio pau nas fortalezas... alguns corações virginaes choraram lagrimas de fogo... não se sabia da guarnição da *Principe D. Carlos* e guardas marinhas havia por lá prestes a jurar bandeiras nos exercitos do Hymineu...

Emquanto durou o medonho cyclone o governador conservou-se sereno na apparencia, mas sinceramente emocionado no fundo d'alma. Com o exemplo e com a palavra animava os seus, contava chistes, provocava galhofeiras manifestações da mocidade nos que o cercavam. Elle anceiava por tomar providencias, mas o maldito barometro a descer sempre; o temporal foi immenso em intensidade e enorme em duração.

Quando o vento rondou novamente a leste, depois de ter passado pelo sul e o tufão aplacou as suas iras, teve o, então, Visconde de S. Januario, ensejo de compulsar as desgraças que pezavam sobre os seus administrados e de medir a colossal tarefa, que lhe pe-

sava sobre a cerviz! Apezar de se achar a tres mil e tantas legoas de Portugal, de ter pela frente a resistencia passiva e persistente de povos supersticiosos e contumazes nas costumeiras, não trepidou. Com muita coragem, firmeza d'animo, o maximo acerto e desassombro, votou-se a pôr em pratica a phrase do Marquez de Alorna, geralmente attribuida ao grande Pombal: «*enterrar os mortos e cuidar dos vivos*». Cheio de solicitude, actividade e decisão metteu hombros á empreza.

As suas intelligentes, promptas e energicas providencias salvaram a população dos flagellos da epidemia e dos piratas.

Montões de cadaveres foram queimados, milhares de operarios trabalharam na remoção dos escombros e reconstrucção dos edificios e das estradas, isto do mesmo passo que eram judiciosamente distribuidos soccorros para minorar a miseria publica.

Só quem esteve na China póde avaliar bem a desmesurada somma de boa vontade e energia que foi mistér pôr em acção para ir d'encontro aos preconceitos enraizados n'um povo agarrado como nenhum outro aos seus costumes, tradições e prejuizos!!!

. . . .

Duas vezes occupou o Conde de S. Januario as cadeiras do poder; em 1880 foi ministro da Marinha e Ultramar e, em 1886, geriu a pasta da Guerra.

Tanto n'um, como no outro ministerio, deixou vestigios da sua passagem, firmando principalmente os seus creditos no tocante a imparcialidade politica, amor ás colonias, interesse pela instrucção militar e zêlo pelo bem estar dos seus subordinados.

Além das muitas e honrosas condecorações, nacionaes e extrangeiras, que lhe foram conferidas, lêem-se na sua extensa biographia official bastantes louvores.

O Conde de S. Januario é par do reino effectivo, ajudante de campo honorario de S M. El-Rei.

Foi o primeiro barão e visconde do mesmo titulo.

De todas as mercês honorificas, ainda assim, nenhuma vale mais do que o conceito publico, em que é tido, de homem de probidade inconcussa e caracter respeitavel.

Julho de 1893.

BENTO DA FRANÇA.

No proximo numero, medalhão de João de Deus. Artigo de Eugenio de Castro.

CHRONICA ELEGANTE

A SOIRÉE DO MINISTRO DE FRANÇA

Foi Mr. Bilhourd, o illustre ministro de França entre nós, quem iniciou na quinta-feira, em Cintra, a série de *soirées* que ali se projectam realisar, durante a presente estação. E, como não podia deixar de ser, foi uma esplendida festa, a que deu um cunho especial a presença de Sua Magestade El-Rei e de Suas Altezas o Principe Luiz Amadeu, de Italia, e o Sr. Infante D. Affonso.

Principiou a *soirée* ás 10 horas, causando a melhor impressão nos convidados o aspecto que offereciam as salas e

---

FOLHETIM

UMA FLOR D'ENTRE O GELO

VI

Approximava-se o momento. Mais uma vez o coração lhe bateu em sobresalto, reproduziram-se-lhe os receios e as apprehensões; mas pouco tempo durou esta intima impressão. Era a ultima incerteza.

O estalar das folhas sêccas sob os pés de alguem que caminhava, fêl-a voltar a cabeça.

Uma figura elevada, que se destacava em escuro sobre o fundo illuminado pelo luar, estava deante d'ella e como que hesitando em approximar-se mais.

Valentina guardou algum tempo silencio. A face do recem-chegado, opposta como ficava aos raios da luz, não pôde ser por ella reconhecida.

Aquella apparição repentina e silenciosa, como a de um espectro sinistro, suscitou em Valentina uma especie de pavor supersticioso, que lhe não permittiu interrogal-a.

— Eis-me aqui. — Disse por fim aquelle vulto, com uma voz que apesar de sumida, Valentina julgou conhecer. E, sem lhe dar tempo de recorrer á memoria, voltou, por um movimento subito, o rosto aos raios da lua que illuminaram as feições bem caracteristicas de Jacob Granada.

Valentina levantou-se surprehendida sem saber ainda o que pensasse do que estava vendo.

— O doutor Jacob aqui!

O recem-chegado guardou silencio.

— Ah! já sei — disse Valentina, como se lhe occorera afinal um pensamento que a satisfazia. — Já sei. Vem lembrar-me que os nevoeiros da noite me podem ser prejudiciaes. Ora! doutor, esses cuidados são-lhe mais necessarios a si, do que a nós outras, organisações jovens, onde, se o mal não nasceu cá dentro, ha vida de sobra para neutralisar todos os elementos conjurados. Repare, não me tem sentido renascer as forças? illuminar-se-me o olhar? renovar se-me o sangue? Não vê que estou curada? De hoje em deante declaro-me livre da sua tutela. Entrego-lhe as suas credenciaes. Deixe me em paz gosar das bellezas de uma noite assim. Isto é tambem uma necessidade. O doutor não comprehende como isto póde ser uma necessidade? Nem eu lh'o sei explicar. Creia ou recorde-se, se teve um passado que lhe dê d'essas recordações. Vá, vá, deixe-me só, doutor. Tome para si os conselhos hygienicos que dá aos outros. Então? E fica! e não responde!... Que veiu fazer aqui?

— Pois não exigiu que viesse? — redarguiu elle com uma voz, cujo ligeiro tremor revelava a immensa anciedade que lhe angustiava o coração.

Valentina fitou-o por algum tempo com um olhar de estupefacção.

— Deus meu! Pois era... — E uma gargalhada estridente, nervosa, prolongada, terminou a phrase que principiara a formular.

A pallidez de que n'aquelle instante se cobriram as faces do velho medico, foi tão intensa, ao ouvil-a rir assim, que nem a meia obscuridade do logar a pôde encobrir. Era a pallidez de um cadaver.

em que se revellava o fino gosto artistico do illustre e sympathico diplomata.

N'um largo terreiro, que precede a entrada, havia uma especie de pavilhão mourisco, formado com vistosas tapeçarias, todo atepetado de alcatifas orientaes e illuminado com balões de côres, pendentes da ramaria das arvores. A sala do baile estava guarnecida com tropheus de plantas, pinturas japonezas e illuminada com serpentinas de bronze. Seguia-se a esta sala o buffete, que toda a noite esteve aberto para serviço de gelados e refrescos e no qual ás 2 horas da madrugada foi servida uma delicada e abundante ceia.

Fazia as honras da casa Madame Blondel, esposa do primeiro secretario da legação. Trajando uma elegante *toilette* de seda *damassée* com guarnições de velludo verde, a airosa e esbelta figura de Madame Blondel distinguia-se pela sua correctissima e deslumbrante belleza, acolhendo os convidados com o mais captivante e mais gracioso sorriso.

Logo que chegou El-Rei, acompanhado do Principe Luiz Amadeu e do Sr. Infante D. Affonso, começou a primeira quadrilha, dansando Sua Magestade com Madame Blondel, e tendo por *vis-à-vis* o sr. Infante D. Affonso, que dansava com a sr.ª Condessa de Bray, esposa do sr. ministro da Allemanha. O Principe Luiz Amadeu tinha por *vis-à-vis* Mr. Bilhourd, que dansava com a sr.ª Condessa de Sabugosa.

Até ás 4 horas da manhã succederam-se, quasi sem interrupção, as quadrilhas e as valsas, dansadas com o mais vivo *entrain*. A's 2 horas principiou o *cotillon*, que foi dirigido pela sr.ª D. Maria Luiza de Sá Pereira e por Mr. Clause, addido á legação de França, e em que se produziram lindissimas marcas. No *cotillon* o Principe Luiz Amadeu dansou com a filha do sr. conselheiro Mathias de Carvalho. Findo o *cotillon*, serviu-se a ceia. Em meza especial, Sua Magestade dava a direita a Madame Blondel, tendo á sua esquerda o Principe Luiz Amadeu. A' direita do sr. Infante D. Affonso ficou o sr. presidente do conselho.

Durante toda a noite, Mr. Bilhourd, auxiliado pelo secretario e pelo addido da legação, foi incansavel em penhorar a gratidão dos seus convidados, dispensando a todos a mais affavel e cordeal amabilidade. Madame Blondel fez as honras da casa, com a graça e a gentileza de maneiras, que tanto realçe imprimem aos dotes da sua attrahente e encantadora formosura.

A' *soirée* assistiram as senhoras mais elegantes da nossa primeira sociedade que se acham a veranear em Cintra. Entre outras, vimos as seguintes: Marqueza de Spinola e filha, Condessas de Bray, de Sabugosa, de Gouveia, de Paço do Lumiar, Baroneza de Hortega, Madame Chevitch e filha; Lady Mac-Donnell, Madame Komaroff, D. Joanna Hintze Ribeiro, D. Josepha de Sandoval de Vasconcellos e Souza, D. Maria Carlota de Sá Pereira de Lencastre, D. Maria Izabel O'Neil, D. Luiza de Serpa Brandão, D. Mathilde dos Anjos Pindella, M.me Mathias de Carvalho e filha, D. Thereza Aranha de Serpa, D. Maria Josepha da Costa Motta, D. Maria Penafiel, D. Maria Luiza de Sá Pereira, D. Thereza e D. Maria de Mello (Sabugosa) D. Maria de Souza Prego, D. Maria José Trigoso, D. Margarida Santos; e os srs. Presidente do conselho, ministros da Inglaterra, da Russia, de Italia, da Allemanha, encarregado dos negocios da Belgica, encarregado dos negocios do Brazil, Condes de Sabugosa, de Paço do Lumiar, de Gouveia, Conselheiro Mathias de Carvalho e filho, Bernardo de Pindella, Fernando Eduardo de Serpa, Carlos Boccage, Komaroff, Carlos Luz e irmão, D. Agostinho Linhares, Balthasar Freire Cabral, João Bergaro, D. Pedro Galveias, Oliveira Soares, Vasco de Mello, Serpa Pinto, D. Pedro Sabugal, D. João de Lencastre, e Tavora, Jorge O'Neil, Vicente de Sousa Brandão, Alberto Braga, Americo Santos, Manoel Brandão.

GRAZIEL.

Com uma voz suffocada, dilacerante, como só a tem os desesperados, apenas soluçou, deixando pender os braços com desalento:

— Estou condemnado!

— Mas emfim que significa esta scena? — perguntou Valentina com certo desabrimento, porque, ella tambem, sentia desvanecer se-lhe uma illusão.

Jacob Granada ergueu a cabeça com um gesto impetuoso e fitando Valentina com o olhar chammejante e desvairado, disse-lhe em uma vivacidade que semelhava ao delirio.

— Significa que a amo! Estremece? surprehende-a esta palavra na minha bocca? Bem conheço o sentido de esse olhar que levantou para os meus cabellos brancos; não sei como não riu outra vez! Embora. Ha de ouvir-me, já que exigiu que viesse. Ah! comprehende emfim por que eu devia suffocar este amor, comprehende por que devia occultar este segredo, até de si? Era para que uma gargalhada não me viesse despedaçar o coração, como essa acaba de o fazer. Está tudo terminado para mim! Um presentimento me dizia que isto havia de acontecer. Illudi-me; vim. Oh meu Deus, como me pude eu illudir! Saberá tudo agora, Valentina! ria-se depois, mas conheça inteiro o infortunio de que se ri. Sim, é verdade, sou velho; ha muitos annos, ha muitos, que me alvejam as cãs na cabeça e a fronte se me inclina desfallecida; mas se me sinto joven na alma! se n'este corpo cançado e gasto, ha um espirito de maior alento do que o d'essa mocidade que a seduz! A descrença, o egoismo, o interesse, a ausencia de nobres aspirações, de sentimentos generosos, de concepções elevadas, eis o viver das almas decrepitas, e eu, Valentina, desde que a vi, perdi o sentido d'essas paixões mesquinhas, idolos a que sacrificam os homens de sua época, cujo amor acceitaria sem uma gargalhada. Responda, diga se pelos instinctos não sou mais joven do que elles. Nenhum a poderia amar como eu a amo, saiba; nenhum faria d'esse amor uma religião como eu; nenhum se perderia por elle, como eu decerto me perco. Bem vê que me não é possivel a salvação!»

E os soluços interromperam-lhe a voz ao dizer isto.

Por alguns momentos conservou a cabeça escondida nas mãos; ao levantal-a, corriam-lhe as lagrimas pelas faces descóradas.

Valentina não rompeu este silencio de momentos.

Jacob Granada continuou em tom mais abatido:

— Perseguiu-me a fatalidade toda a minha vida! Não conheci carinhos de mãe na infancia; não conheci extremos de amante na juventude. Na edade das aspirações, não as tive; quando devia viver para o sentimento, era a razão que dominava em mim; os annos do amor consagrei-os sem uma saudade ao estudo; emquanto os meus companheiros corriam com alegre irreflexão para os prazeres, ou procurava o trabalho com corajosa tenacidade. Veja, conceba os risos d'esta juventude. Acabaram por me abandonar todas as affeições, essas poucas affeições superficiaes que me restavam. Respeitaram-me, não me estimaram. Como era um homem util, tinha quem me lisonjeasse, quem me obedecesse, mas ninguem, repare, Valentina, para o desconfôrto d'esta existencia, ninguem que me désse affectos! A solidão que se fez em volta de mim exacerbou o que havia no meu caracter de sombrio; estava quasi a odiar os homens... Um dia, porém, senti que accordava no meu coração um sentimento adormecido, e accordava com toda a exaltação, com todas as tendencias da mocidade. Concebi o amor com a pureza, com o ideal que póde verter na concepção um coração ainda

TALVEZ!

....

— E em que jornal leste esse conto?

— Eu não me lembro já; nem recordo mesmo o nome do auctor. Devia ser René de Maiseroy. O jornal era illustrado e trazia uma Santa Margarida e um Santo Humberto...

— Deliciosos?

— Sim.

— Louros ou morenos?

— Não sei... eram bonitos e amavam-se!

— Sendo santos?

— Por isso mesmo.

— Então diz lá o conto.

....

O grupo apertou-se mais.

A contista, que estava á cabeceira da meza, continuava a fazer girar a *navette* e as frioleiras succediam-se, e um sorriso malicioso adejava na flôr purpurina dos seus labios.

Havia horas que áquella meza do serão se discutia tudo, desde a ultima novidade do dia até á moda que seria indicada ámanhã, desde o ultimo livro á ultima musica, passando pelos auctores predilectos.

E a conversa veiu cahir em amor.

Amor! palavra que para cada espirito tem a sua significação.

De entre tantas pessoas reunidas não havia duas a comprehender o amor da mesma fórma!

— O amor é um sonho!

— É uma aspiração!

— É uma lagrima!

— É um sorriso!

— É um beijo!

— É uma saudade!

— Ou um sacrificio! respondeu Amelia que fazia frioleiras sentada á cabeceira da meza.

— Um sacrificio porquê?

— Porque o amor augmenta á proporção dos soffrimentos que impõe; senão vejam o sacrificio de Santo Humberto e de Santa Margarida.

— ??

— Amaram-se, e, no delirio do seu amor, comprehenderam que era desafiar a Deus ser tão feliz na terra.

— É de algum livro santo a tua historia?

— Não; é de um jornal.

....

E o conto começou:

— Era de uma vez...

— Dizia assim René de Maiseroy?

— Dizia melhor; mas todos sabem que em litteratura eu sou uma cifra á esquerda, e muito farei se poder resumir a ideia em um arrendado menos transparente, em uma phraseologia menos correcta e menos elegante,

— O conto, o conto.

— Como ia, pois, dizendo: Era de uma vez um par de apaixonados. Chamavam-se Humberto e Margarida. Viviam juntos, e, desde pela manhã até á noite, desde o despertar ao adormecer, murmuravam enlevados:

— Minha adorada Margarida...

— Meu adorado Humberto...

....

Um dia porém a graça de Deus tocou-os.

Não ha amor sem sacrificio.

Reunidos na terra e separados no céu, não póde ser. Vamos merecer a salvação. Remido pelas lagrimas levar-nos-ha a Deus o nosso amor!

Separaram-se!...

E ao separar-se combinaram ir fazer penitencia no deserto e... verem-se apenas uma vez no anno: — Ao florir das cerejeiras!...

....

Mas que enorme dôr a sua!

---

virgem; recebi-o como um culto, como o augusto mysterio de uma religião que pela primeira vez se me revelava. A minha alma passou por uma completa transfiguração; novos instinctos, novas faculdades parecia nascerem para ella. Mas... as rugas que me sulcavam a fronte impunham-me a obrigação de suffocar a explosão imminente das paixões que se insurgiam tumultuosas. Que importava a pureza d'ellas?— apontar-me-hiam para os meus cabellos brancos e mandar-me-hiam que os respeitasse. Calei-me; foi então que verti em silencio as mais amargas lagrimas de minha vida.

Pela segunda vez a commoção dominava Jacob Granada a ponto de lhe interromper a corrente de palavras que uma vehemente paixão lhe estava dictando; depois continuou:

— A velhice descrente, invejosa, avara, egoista, cynica, póde ainda encontrar indulgencia; desculpam-n'a e respeitam-n'a muitas vezes; mas a velhice amorosa, fascinada por uma d'essas visões encantadoras, votada a um d'esses cultos ferventes que mobilitam as almas, essa não tem misericordia a esperar; condemnam-n'a ao escarneo, á irrisão, e tanto mais puras e elevadas são as aspirações d'esse amor, tanto mais amarga, desapiedada, humilhante é a perseguição que lhe declaram; é então que a assalteiam de chascos e de apupos. Sabia-o! e por isso me occultava, por isso luctei para que ninguem descobrisse em mim o que me ia no coração. Porque eu amava-a loucamente, Valentina, e amo-a!... Oh! deixe-me ainda dizer-lh'o Nada mais lhe peço. É já agora a unica consolação a que aspiro. Ouça-me e ria depois, se a commiseração lhe não gelar nos labios o sorriso. É a ultima vez que lhe falo. Amo-a perdidamente. Os affectos que os outros repartem com a mãe, com os irmãos, com os filhos, enthesourei-os eu, annos e annos, para lh'os tributar agora! Despreze-os, mas conheça primeiro de que grandeza são, Este amor tem o respeito do amor filial, a dedicação do amor fraterno; havia de rodeal-a das caricias que os filhos recebem da mãe que os estremece, e, ao mesmo tempo, elle adivinharia os extremos, a exaltação de uma paixão de amante. Sacrificar-lhe hia tudo, a minha vida, a minha vontade, os respeitos do mundo. Por que me despreza? Oh! não repare n'estes cabellos brancos; far-lh'os-hei esquecer á força de dedicação e de affectos. Não me disse que viesse? pois não me assegurou que possuia faculdades superiores ás do vulgo? Que direito tinha para fazer nascer illusões, como as que eu, louco, cheguei a alimentar se não confiava que poderia corresponder a esse amor verdadeiro, que animou assim? Se havia de acolher-me com a gargalhada motejadora e cruel, para que me arrastou aqui? Diga, fale. Não vê que enlouqueço? uma palavra ao menos que me tire dos ouvidos o som d'aquella gargalhada. Valentina! commove-a a partida das andorinhas, o definhamento da flôr, e não tem coração para sentir este tormento? Vê? choro choro, e parece que se me exhaure a vida n'estas lagrimas. Não alliviam, abrazam-me! Ó Valentina! Valentina! tenha piedade d'esta razão que se perde!

E pronunciando entre soluços estas palavras, que lhe sahiam dos labios como uma impetuosa torrente, cahiu de joelhos aos pés de Valentina, que o olhava com gesto de commiseração.

JULIO DINIZ.

(Continúa).

Que saudades lancinantes, que tristeza!

Um soluçar amargurado cortava todas as noites o silencio dos bosques: Humberto!... Humberto!...

E uns gemidos penetrantes respondiam muito ao longe: Margarida!... Margarida!...

....

As flôres ainda as mais humildes exhalavam para elles os seus aromas castos.

A lua envolvia-os na pulverisação diamantina dos seus raios preciosos...

A aurora sorria-lhes do seu carro doirado, as aves gorgeavam os seus cantos de amor...

Mas ambos alheados choravam de joelhos.

— Humberto!...

—Margarida!...

A saudade é impiedosa!

E o sacrificio dóe...

....

Eram já santos.

A dôr purificára-os!

....

E o Senhor apiedado fez de repente florir as cerejeiras...

Todas as arvores estavam seccas...

— Quem me déra ser santa!

— A troco de um tão doloroso sacrificio?

— *Talvez!*... Com tanto...

— Com tanto?

— Que as cerejeiras florissem tambem para mim — duas vezes no anno!

....

Beja, 2 de agosto de 1893.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

Anniversarios da semana

Domingo 6 — As sr.as: Condessa d'Azevedo, Viscondessa de Faria, D. Thereza Manuel de Vilhena e Saldanha (Alpedrinha), D. Maria das Dôres de Sá Pereira, D. Maria José Corrêa de Lacerda da Costa Pinto, D. Julia Pinto Barruncho de Vasconcellos, D. Leonor Laura Dalhunty.

E os srs.: Visconde de Ponte da Barca, Visconde do Landal, Conselheiro Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, D. Manuel Telles da Gama (Niza), Antonio de Faria Gouveia Zagallo, Carlos Moraes d'Almeida.

Segunda-feira 7 — As sr.as: Condessa d'Azambuja, Condessa de Reriz, D. Maria Izabel de Moraes Palmeiro (Regaleira), D. Philomena Rodrigues Ayres de Gouveia Osorio, D. Maria da Motta Veiga, D Eduarda Lobo de Miranda Trigueiros.

E os srs.: Marquez de Vagos, D. Antonio de Noronha (Paraty), José Estevam de Sande Tormenta Pinheiro (Serra da Tourega), Joaquim Lucio Arbués Moreira.

Terça-feira 8 — As sr.as: Viscondessa de Camarate, Viscondessa de Falcarreira, D. Aurora de Sande Tormenta Pinheiro (Serra da Tourega), D. Emma Chamiço, D. Sophia Archer, D. Ritta Van Zeller Guedes de Carvalho, D. Eulalia Leite Forjaz, D. Maria Henriqueta de Sousa Alcoforado, D. Christina d'Albuquerque Schwalbach, D. Maria José de Noronha, D. Carolina Eça de Queiroz, D. Maria de Castello Branco, D. Maria da Gloria de Sousa Loureiro, D. Chrizanta de Magalhães Ferreira Pinto Basto.

E os srs.: Conde da Boa Vista, João d'Azevedo Coutinho, João Alves Ribeiro, Jayme Frederico de Sousa Menezes Junior.

Quarta-feira 9 — As sr.as: Viscondessa de Castilho, D. Maria Adelaide Ferreira Tavares (Cruzeiro), D. Emilia de Proença Vieira Ferreira Borges, D. Rosa Margarida Ramos.

E os srs.: Arcebispo de Braga D. Antonio José de Freitas Honorato, D. Antonio Luiz Pereira Coutinho (Soydos), Luiz Augusto Palmeirim, João Laureano Leger, Luiz Porphirio da Motta Pegado, João Cysneiros, João de Sousa do Prado Sieuve Zagallo de Lacerda (Sieuve de Menezes).

Quinta-feira 10 — As sr.as: Condessa de Fornos de Algodres, D. Maria d'Assumpção Almeida (Lavradio), D. Maria Benedicta de Vilhena (Pancas), D. Maria José Ribeiro de Faria (Barros Lima), D. Emilia Caldeira Leitão Pinto (Borralha), D. Marianna Emilia de Bastos Barbosa, D. Aurora Germana Pereira d'Eça Albuquerque Leal, D. Marianna de Almeida Hirsch, D. Maria Albertina Byscaia e Silva.

E os srs.: Conselheiro Antonio Pequito Seixas de Andrade, D. João da Costa (Villa Franca), Tenente-coronel Sebastião de Sousa Dantas Baracho, Pedro de Pina Manique, Dr. Antonio da Matta Pedroso Barata, Francisco Lourenço da Fonseca, Antonio Nunes da Serra e Moura, Eduardo Maia.

Sexta-feira 11 — As sr.as: Condessa das Antas, D. Maria Ritta d'Oliveira Pinto da França, D. Maria Adelaide Ferreira, D. Leopoldina Eliza Mac-Charthy de Sá Pereira Aguilar, D. Maria Luiza d'Azevedo Assa Castello Branco.

E os srs.: Conde de Almoster, D. José Tiburcio de Noronha (Paraty), Dr. Joaquim Taibner de Moraes, Dr. Henrique José da Costa, Dr. Francisco Xavier da Motta Garcia Portocarrero de Vasconcellos Sotto Mayor, Antonio Botelho Lobo de Lacerda, José Manuel de Vilhena de Moraes Carvalho, Joaquim Roberto da Silva Talaya.

Sabbado 12 — As sr.as: Condessa de Avilez (D. Maria Carolina), D. Maria Candida Falcão Cotta e Menezes (Azevedo), D. Elizarda Emilia Garcez Palha (Bucellas), D. Maria Isabel de Castro Pamplona (Beire), D. Cecilia O'Neill, D. Maria Benedicta José de Mello, D. Sarah Lobato-D. Assumpção da Cunha Menezes.

E os srs.: Francisco de Castro Gomes Monteiro, Carlos Cyrillo Machado, João Maria da Cunha, José Nunes da Silva Matta, Dr. Ignacio Quintino de Avellar, José de Sousa Faria Mello.

EPHEMERIDES SEMANAES

29 — Chega a Lisboa a canhoneira italiana *Volturno*, conduzindo a seu bordo o principe Luiz, duque dos Abruzzos, filho do fallecido duque d'Aosta.

30 — É colhido por um touro, na praça do Campo Pequeno, o espada Lagartija, recebendo perigosos ferimentos e fracturas.

31 — *Soirée* no paço de Cintra, offerecida por S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia, para solemnisar o 28.º anniversario de S. A. o Sr. Infante D. Affonso.

1 — Descobre-se o crime de assassinio, roubo e fogo posto de que foi auctor o carpinteiro Lobo, e victima o sr. Manuel José da Silva, irmão da sr.ª Viscondessa do Arneiro.

— Explosão de polvora na fabrica de Barcarena.

2 — Entrevista da direcção da Associação Commercial com o sr. presidente do conselho, Hintze Ribeiro, para a primeira representar contra as leis do sello e da contribuição industrial.

3 — É preso o assassino Lobo, auctor do crime da Lapa.

4 — Fallecimento da sr.ª Condessa de Ottolini, esposa do sr. Conde de Ottolini, José.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1